

POR UM FILME SOBRE O RIO PÓ

Michelangelo Antonioni

Não é afirmação patética dizer que os padanos são apaixonados pelo Pó. Efetivamente um halo de simpatia, poderíamos dizer de amor, circunda este rio que, em um certo sentido, é como o déspota de seu vale. O povo padano *sente* o Pó. O que concretamente é este *sentir* não sabemos; sabemos que está difuso no ar e que chega logo como sutil encanto. É, de resto, fenômeno comum a muitos lugares sulcados por grandes cursos de água. Parece que o destino daquelas terras se junta no rio. A vida ganha modos particulares e orientações próprias; surge uma nova economia circunscrita, a partir do rio de onde todos tiram todo benefício possível; as crianças o elegend como jogo preferido e proibido. Estabelece-se, em outras palavras, uma intimidade toda especial alimentada por diversos fatores, entre os quais a partilha dos problemas e a própria luta das populações contra as águas que quase todo ano, no início do verão ou do outono, se enfurecem em inundações às vezes violentíssimas e sempre tragicamente soberbas.

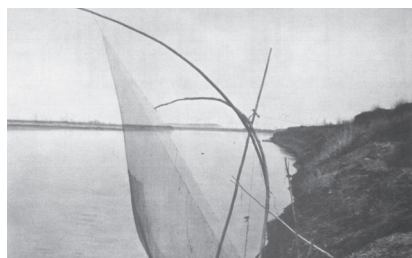
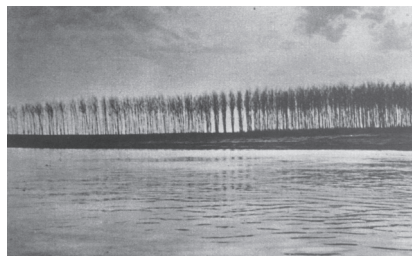
Eis, pois, um motivo fundamental do nosso filme hipotético: a cheia. Fundamental por duas razões: pelo espetáculo em si e porque nos revela a substância da qual é feito aquele amor a que aludíamos um pouco antes. É singular este apego, esta fidelidade que resiste à prova das cheias. Porque se estas, hoje, deixam os habitantes discretamente tranquilos pela firmeza de suas novas margens e pelas proteções que são facilmente

preparadas, não quer dizer que antigamente passavam sem deixar marca profunda. Não raro levavam consigo vítimas humanas, provocando em cada caso visões penosas dos campos e cidadezinhas alagadas, de amontoados de mobílias nas ruas, das águas ao nível das janelas, de tufos e bambus e árvores que afloram das bocas-de-lobo espumando de raiva. Mas os filhos do Pó, malgrado tudo, não souberam se desprender do Pó. Lutaram, sofreram, ainda lutam e sofrem, mas podem evidentemente pôr o sofrimento na ordem natural das coisas, roubando-lhe, além disso, um incentivo à luta.

—

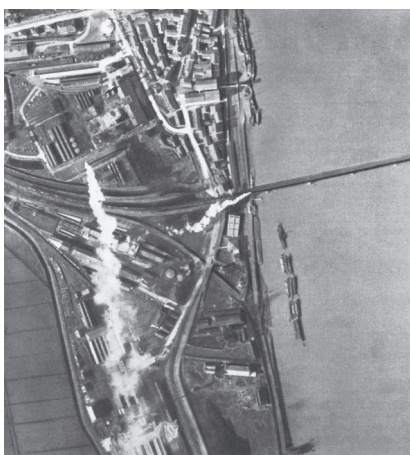
Outro ponto interessante e significativo é dado por um particular reflexo da civilização sobre os próprios povos do rio, o qual tinha, em outros tempos, um aspecto bem mais romântico e pacato. Vegetação emaranhada, cabanas de pescadores, moinhos flutuantes (ainda hoje restaram alguns exemplares), balsas rudimentares, pontes de barcos: tudo submerso em uma aura esquecida e estática, em um sentimento de força irresistível que parecia evaporar da grande massa de águas e aviltar todas as coisas. A população – gente sólida, de gestos lentos e pesados – conhecia os longos repousos às margens e as horas de ócio pelos bosques que as revestem, as superfícies piscosas e as pequenas enseadas escondidas sob os salgueiros encurvados a lambe as águas, e deixava que nesta lentidão corresse a própria existência, todavia estivesse ocupada nos transportes de mercadorias e pessoas, nos moinhos e, sobretudo, na pesca.

Mas nem mesmo para as coisas os anos passam em vão. Chegou também para o Pó o tempo do despertar. E então vieram pontes de ferro sobre as quais longos trens rangem dia e noite, vieram edifícios de seis andares impregnados por enormes janelas que vomitam poeira e barulho, vieram barcos a vapor, docas, fábri-



cas, chaminés fumacentas, até mesmo outros canais com margens de cimento; foi, enfim, todo um mundo moderno, mecânico, industrializado que chegou para pôr em tumulto a harmonia do mundo antigo.

No entanto, em meio a este deteriorar-se do próprio mundo, as populações não sentiram saudade. Talvez quisessem sentir, porque a sua natureza intratável e contemplativa não se adaptava ainda ao novo estado das coisas, mas não conseguiram. A evolução, a uma certa altura, não apenas não as perturbava, mas, de certo modo, as contentava. Começavam a pensar o rio em seu valor funcional; sentiam que tinha se valorizado e por isso estavam orgulhosos; entendiam que tinha se tornado precioso e que sua ambição estava satisfeita.



—
Tudo isso pode parecer, mas não é, literatura. É, ou quer ser, cinema; resta ver como se pode traduzir em ato.

Antes de tudo impõe-se uma pergunta: documentário ou filme de ficção?

A primeira forma é sem dúvida sedutora. Material rico, sugestivo, que vai dos grandíssimos trechos de rio, vastos como lagos e por vezes interrompidos por ilhotas, às estruturas onde o Pó, escoltado como é por plantas selvagens, assume aspectos de paisagem africana; dos casebres em más condições colados às margens, com a eterna poça no pequeno pátio diante da porta, às vivendas estilo *Novecento* com o *chalet à flor d'água*, que se anima certas noites com leves músicas sincopadas; das margens a pique das graciosas praias pretensiosamente mundanas; dos moinhos flutuantes às imponentes fábricas; dos barcos às lanchas, aos hidroplanos da Pavia-Venezia; e aí por diante.

Material abundante, mas perigoso, porque se presta a fáceis inclinações retóricas. Por isso, se nos seduz a lembrança de um magnífico documentário americano sobre o Mississippi: *O rio* [The River, Pare

Lorentz, 1938], deixa-nos perplexos a fórmula gasta do “como era e como é”, do “antes e depois do tratamento”. Tampouco nos tranquilizaria a intrusão de um frágil fio narrativo. Desconfiamos dos hibridismos em geral, e do cinema em particular, onde nunca será tão celebrada a fórmula que dita endereços precisos e não consente incertezas. De uma forma ou de outra, o essencial é saber exatamente aquilo que se quer. Bastante recente é o exemplo oferecido por Flaherty, que também é autor digno de máxima estima. No seu *O menino e o elefante* [*Elephant boy*, 1937], de fato, por causa da separação entre documentário e ficção, o motivo lírico do trabalho, aquela espécie de religião panteísta da selva, encontra a sua mais genuína expressão nas sequências documentárias, onde há somente o tormento da descoberta poética, ali perturbada pela narração.



Deveremos, portanto, acolher a ideia de um filme de ficção? Dito entre nós, temos muita simpatia por este *documento* sem etiqueta, mas não é preciso se precipitar. Também aqui, naturalmente, não faltam os obstáculos. O primeiro de todos, aquele de idealizar uma trama que responda plenamente aos motivos aventados acima. Os americanos, aos quais nenhum tema escapa, já tentaram. Duas das suas películas – uma antiquíssima: *O rio*, e a outra de alguns anos atrás: *Um romance no Mississipi* [*Banjo on my knee*, John Cromwell, 1936] – tiveram grande sucesso, especialmente a primeira, do ponto de vista do conteúdo, a melhor. No entanto, ambas estavam muito distantes do nosso pensamento e da nossa sensibilidade.

Mas não queremos, aqui, dar conselhos a quem quer que seja e tanto menos sugerir tramas. Para nós é suficiente dizer que gostaríamos de uma película que tivesse como protagonista o Pó e na qual não o folclore, isto é, um amontoado de elementos exteriores e decorativos, despertasse o interesse, mas o espírito, isto é, um conjunto de elementos morais e psicológicos; na qual não prevalecessem as exigências comerciais, mas a inteligência.

—
ANTONIONI, Michelangelo.
“Por um filme sobre o rio Pó”.
Negativo, Brasília, v.1, N.1, 2013.